

onde o percurso do Sol é associado ao trajecto que efectua no corpo da deusa Nut. Finalmente as difíceis questões relacionadas com salvaguarda do património do Vale dos Reis são apresentadas no último capítulo. Um glossário e uma lista de ilustrações encerram o volume.

Apesar dos aspectos positivos apontados, há outros menos conseguidos, e entre os aspectos mais decepcionantes do livro conta-se a ausência total de elementos documentais que, até para um público indiferenciado, se revelariam interessantes. Um mapa com a localização de todas as sepulturas do Vale dos Reis é a ausência mais gritante, mas é igualmente decepcionante a ausência de diagramas que ilustrem pelo menos alguns tipos de sepulturas reais do Vale dos Reis: desde os túmulos de planta em ângulo recto (da XVIII dinastia) aos túmulos de plano linear (da XIX dinastia). Igualmente decepcionante é o facto de nenhuma das composições abordadas ser apresentada na totalidade para possibilitar uma leitura de conjunto. Infelizmente, apesar das excelentes fotografias, o álbum acaba por desperdiçar o recurso documental das imagens, cuja função parece quase exclusivamente o de explorar o seu valor estético. O texto, por outro lado, consegue apresentar uma informação sucinta e, embora dirigida a um público não especializado, mantém-se, em geral, fiel aos conteúdos originais. Se, na maior parte dos casos, este jogo de cintura foi feito de modo airoso, pontualmente acabou por resvalar para noções imprecisas e um pouco fantasistas, como o uso do termo «dogma» (p. 9), cuja aplicação à religião egípcia levanta muitos problemas.

Rogério Ferreira de Sousa

FLORENCE MARUÉJOL, *Thoutmosis III et la corégence avec Hatchepsout*, Paris: Pygmalion, 2007, 479 páginas com 55 figuras a preto e branco e 21 fotografias a cores. ISBN 978-2-8570-4894-7

Em primeiro lugar, apresentemos alguns dados sobre a Autora: doutorada em Egiptologia pela Université Paris IV-Sorbonne, Florence Maruéjol, tem participado em escavações no Vale das Rainhas e, actualmente, encontra-se a ultimar uma investigação aprofundada sobre um obelisco da rainha Hatchepsut para o Centre Franco-Égyptien d'Étude des temples de Karnak. Concomitantemente, exerce a docência no Institut Khéops de Paris e publicou outros livros e artigos para revistas científicas.

Debrucemo-nos agora sobre a presente obra, dividida em dez capítulos, o primeiro constituindo uma aproximação preliminar ao começo do Império Novo («Uma nova era», pp. 9-28). Como se infere pelo título, o livro centra-se em Hatchepsut (1479-1458 a. C.) e Tutmés III (1479-1425 a. C.), sendo a primeira tia-madrasta do segundo. Inicialmente, Hatchepsut foi regente na menoridade do sobrinho-enteado, mantendo uma postura algo discreta, mas não demorou a que se viesse tornar numa das raras mulheres faraós da história egípcia. Tutmés III, o soberano em título, na realidade só iniciou o seu reinado autónomo a partir da morte da rainha, 22 anos depois de ascender ao trono. Por último, o rei lançou uma proscrição contra Hatchepsut, vinte anos após o seu desaparecimento. Não admira, pois, que estas duas personagens tenham excitado a curiosidade de historiadores e alimentado a pluma de escritores, cujos romances se afiguram, amiúde, bastante fantasiosos. A celebridade e os «infortúnios» de Hatchepsut ocultaram a glória de Tutmés III. Como geralmente sucede em relação às anomalias da história egípcia, significam meros incidentes ao longo dos três milénios da monarquia faraónica, e a rainha tornada faraó veio a inflamar a imaginação de muitos, em detrimento de Tutmés III, cujo reinado, todavia, nada deixa a desejar face ao de Ramsés II. Pode-se dizer que ele foi mesmo o obreiro do «império» que mais tarde o grande Ramsés herdaria. Seja como for, ainda hoje, Hatchepsut continua a roubar protagonismo a Tutmés III.

A questão da co-regência entre Hatchepsut e Tutmés III (que certos egiptólogos consideram como a única verdadeira do Egipto antigo) é explorada por Maruéjol no capítulo II («Da regência a co-regência», pp. 29-100), com base em abundante documentação concernente à afirmação da legitimidade da rainha nos templos de Deir el-Bahari e de Karnak, completada por fontes privadas, estelas, estátuas, decoração e recheio de túmulos de altos funcionários e cortesãos desse período, que estabeleceram uma continuidade quase perfeita da «equipa» dirigente, nos quadros da administração e do clero, de um soberano para outro.

À frente do país das Duas Terras durante 32 anos após a morte da rainha, Tutmés III deu mostras inequívocas de extraordinário dinamismo em diversas áreas. A mais conhecida é a faceta expansionista e belicosa do monarca que, numa série de campanhas realizadas durante uma vintena de anos, garantiu ao Egipto a dominação sobre um vasto território, estendendo-se da Síria-Palestina, a norte, até aos confins da Núbia, ao sul (cap. IV, pp. 125-161). Mas a Autora se, por

um lado, buscou captar muitos outros aspectos do seu reinado e, até, da sua personalidade e família (cap. III – «Uma vida privada bem preenchida», pp. 101-124), não teve, por outro, a veleidade de tudo tratar neste volume, o que aliás seria tarefa impossível: buscou compreender este período, fazendo sobressair os homens que rodeavam o soberano, membros da elite dirigente, bem como os representantes dos escalões médios e subalternos das diversas instituições «estatais», na medida em que as fontes o permitem (cap. V – «Bem escolher para melhor reinar», pp. 165-202). Com efeito, mesmo entre os grandes dignitários, não é raro que os testemunhos que sobreviveram se reduzam a pouco mais do que simples títulos. Militares, funcionários e sacerdotes, todos trabalharam, sob a autoridade do seu rei, para modelar um Egípto poderoso e cada vez mais rico, mercê das conquistas que trouxeram novas fontes de rendimento. Mediante uma leitura da documentação disponível, Maruéjol, verificou que Tutmés III confiou as tarefas governativas a dignitários judiciosamente escolhidos pela sua fidelidade à coroa e pela sua competência.

Os templos que Tutmés III mandou construir tanto no Egípto – nas margens oriental e ocidental de Tebas, em Karnak, Iunu (Heliópolis), Athribis, Buto, Abido, Dendera, Edfu, Medamud, Nekhen (Hieracópolis), Abu (Elefantina), entre outros – como na Núbia (Dakka, Qurta, Amada, Qasr Ibrim, Buhen, Kumna, ilha de Uronarti, Kerma, etc.), antes de Ramsés II, foram objecto de circunstanciado exame pela Autora nos capítulos VI («O mundo dos deuses», pp. 203-260) e VIII («Templos e deuses fora de Tebas», pp. 283-312), uma vez que traduzem sinais manifestos desta prosperidade, afirmando-se o triunfo da monarquia e do seu representante. A findar esse capítulo, consignam-se algumas apreciações genéricas sobre as crenças e as práticas religiosas (deuses e deusas da *entourage* de Amon, modalidades de culto, festividades, fundações e o Heb-sed régio).

Maruéjol reserva também espaço para uma análise crítica do clero de Amon (cap. VII – «Os homens de Amon», pp. 261-282) e da sociedade e da vida quotidiana ao tempo de Tutmés III (cap. IX – «Viver sob Tutmés III», pp. 313-340). Na última parcela, oferece uma visão abrangente, partindo da cúpula hierárquica, passando pelo que a Autora designa de «classe média», desembocando no povo e nos estrangeiros residentes no Egípto. Dedicar ainda alguma atenção às importações e influências estrangeiras, à vivência dos laboriosos camponeses, dos artífices especializados, dos escribas e, por fim, aos túmulos de importantes individualidades sepultadas na «montanha» tebana.

No derradeiro capítulo (X – «Rumo ao belo horizonte», pp. 341-356), Maruéjol examina o túmulo de Tutmés III, o nº 34 do Vale dos Reis (KV 34). Depois de uma sóbria mas clarificadora «conclusão» (pp. 357-366), figura uma extensa bibliografia (pp. 369-442), além de uma resenha dos principais eventos da regência, co-regência e do reinado autónomo de Tutmés III (pp. 443-446), de uma lista das figuras inseridas no texto (pp. 447-450) e um profícuo índice (pp. 451-470).

Posto isto, *Thoutmosis et la corégence avec Hatchepsout* representa, a nosso ver, um notável e volumoso contributo para uma reabilitação histórica de um rei que a posteridade evocou, até à Época Greco-Romana, a sua brilhante memória. Aliando a erudição egíptológica a uma linguagem amena e acessível, a Autora apresenta factos e documentos submetidos a um rigoroso exame, passa em revista diversas teorias pré-existentes (arredando as que não assentam em fundamentos sólidos) e aventa, também, considerável número de hipóteses interpretativas escoradas em fontes coevas. Cabe, pois, felicitar F. Maruéjol pelo seu esforço na investigação e, obviamente, pelo mérito científico evidenciado no presente livro.

Pedro de Abreu Malheiro

JEAN-PIERRE CORTEGGIANI, *Les Grandes Pyramides. Chronique d'un mythe*, Paris: Gallimard, 2006, 127 páginas, com ilustrações a cores e a preto e branco. ISBN 2-07-033941-6

O Autor deste pequeno livro, um conceituado egíptólogo, é actualmente responsável pelos relatórios científicos e técnicos do conhecido Institut Français d'Archéologie Oriental (IFAO) do Cairo. Corteggiani já publicou numerosos artigos em revistas especializadas e, também, obras destinadas ao grande público (como *L'Égypte des pharaons au Musée du Caire*, *L'Art de l'Égypte* e *Toutânkhamon, le Trésor*).

Debrucemo-nos então sobre a obra *Les Grandes Pyramides. Chronique d'un mythe*: poderemos principiar por uma frase que o célebre Victor Hugo colocou na «boca» da pirâmide de Khufu, a única das Sete Maravilhas da Antiguidade que ainda se mantém de pé – «E eu – gritou Queops – sou a eternidade!». Com efeito, no planalto de Guiza, este monumento, bem como os de Khafré e Menkauré, colossais túmulos régios erigidos há mais de 4500 anos, não cessam de